



As identificações culturais e o olhar dos moradores do bairro Pantanal sobre o vídeo popular da TV Janela¹

Robson da Silva BRAGA²
Faculdade Evolutivo, Fortaleza, CE

RESUMO

Esta pesquisa avalia como três receptores dos vídeos da TV Janela, projeto da ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), se identificam com as representações positivas acerca do “morador do Pantanal” (comunidade surgida em 1990 na periferia sul de Fortaleza - CE), apresentadas pelas produções audiovisuais. Assistidos em telão montado no meio da rua, os vídeos do projeto apresentam, de modo geral, um morador unido, trabalhador, em contraposição ao imaginário de violência e miséria construído pela mídia convencional sobre o local. A pesquisa se utilizou da etnografia e da entrevista em profundidade como procedimento metodológico para apreender o processo de recepção e de identificação. O período no qual o receptor chegou ao bairro, sua história de vida e as relações cotidianas interferem na sua construção identitária.

PALAVRAS-CHAVE: mediações culturais; identificações culturais; estudo de recepção; mídia comunitária; TV Janela.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi de compreender como a vida cotidiana de três³ moradores do bairro Pantanal – ao sul de Fortaleza-CE - se relaciona com a concepção que eles possuem acerca da comunidade e como as consequentes identidades culturais e representações sociais podem, em certa medida, ajudar a explicar a forma como eles assistem e se apropriam dos conteúdos e das ideologias presentes nos vídeos da TV Janela.

Esse projeto audiovisual é desenvolvido pela Organização Não-Governamental (ONG) Instituto de Desenvolvimento Social (IDS) no bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna, nomes diferentes para o mesmo bairro, situado ao sul de Fortaleza, capital do Ceará, na divisa com o município de Maracanaú.

Desde 2004, a TV Janela capacita, por turma, cerca de vinte adolescentes, entre quinze e dezessete anos. Eles, então, produzem vídeos sobre a comunidade que,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social da Faculdade Evolutivo (FACE), jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: robsonsilvabraga2@gmail.com

³ Este artigo apresenta apenas parcialmente os resultados da dissertação defendida pelo autor em 2010.1, na qual os discursos de outros receptores também são analisados.



posteriormente, são exibidos em telão montado pela ONG no meio da rua, na comunidade, aglomerando, por exibição, cerca de 300 a 400 moradores.

O objetivo do IDS é “melhorar a auto-estima dos moradores” que assistem aos vídeos, como forma de eles próprios desassociarem os estigmas de violência e pobreza que foi construído historicamente sobre o local perante a cidade de Fortaleza.

Na década de 1990, os moradores do local enfrentaram diversos conflitos com os supostos donos da terra e com o poder público, que deixou o local, durante anos, desprovido de saneamento básico, água, pavimentação e energia pública.

Em novembro de 1993, dois homens sobre uma moto assassinaram três adolescentes na região próxima à comunidade. O episódio ficou conhecido nos meios de comunicação de massa de Fortaleza como Chacina do Pantanal e maculou o bairro com os estigmas da violência e miséria. Alguns programas policiais, principalmente os televisivos, exploraram exaustivamente as tão alegadas criminalidade e pobreza do bairro, contribuindo, assim, para a construção de uma imagem negativa do Pantanal.

Após sete anos da Chacina do Pantanal, em março de 2001, um grupo comunitário se reuniu para organizar um “plebiscito popular” no bairro. O objetivo era eleger um novo nome para o local, a fim de desvincular a comunidade do episódio da Chacina e dos estigmas da violência e pobreza. Após uma consulta popular (2001) e a oficialização do bairro Planalto Ayrton Senna (lei municipal 8.699/03), acirraram-se as disputas entre as lideranças comunitárias, umas favoráveis, outra contrárias à mudança de nome. Por um lado, dizia-se que seria o fim do estigma; por outro, achava-se que a comunidade estava perdendo sua “identidade” e esquecendo sua história.

1. O PROJETO DE VÍDEO

É nesse contexto de preocupação com a imagem da comunidade que surge no local, em 1999, o Instituto de Desenvolvimento Social (IDS). A entidade é uma Organização Não-Governamental (ONG) que desenvolve projetos sociais dentro da comunidade do Pantanal. Dentre as missões dos projetos da ONG, está a de trabalhar a “auto-estima para uma melhor qualidade de vida”.

O atual e mais importante projeto desenvolvido pela ONG é a TV Janela. Ele surgiu em 2004 e capacita, por turma, vinte adolescentes do bairro, entre quinze e dezessete anos, para a produção de material audiovisual que “retrate” aspectos positivos da comunidade. Cada turma produz seis vídeos, que são exibidos mensalmente, num sábado à noite, em telão montado na rua e aglutinam cerca de trezentas pessoas por



apresentação. Entre um vídeo e outro, grupos artísticos juvenis encenam, dançam ou cantam, no meio da rua, para um público atento, o que torna o evento mais atrativo.

A produção audiovisual da TV Janela é descrita pelo IDS como: “[...] reportagem de rua sobre o cotidiano da comunidade (temas de interesse público), mostrando sempre as experiências exitosas para elevação da auto-estima das pessoas, produzindo temas de interesse da comunidade” (trecho do projeto da TV Janela).

Diferentemente da televisão, o veículo de maior alcance e prestígio no Brasil, um vídeo exibido no meio da rua demanda uma outra interação emissor-interlocutor, bem como entre os receptores. No momento em que o aparelho de televisão perde, temporariamente, espaço para a TV Janela, surgem novas formas de recepção: a sala de estar é substituída pelo espaço da rua e a família, pela comunidade.

Dessa forma, a comunidade é exibida para a própria comunidade, no espaço comunitário. Além de um novo espaço de recepção, estamos tratando de uma nova perspectiva, a dos comunicadores populares. Eles creem retratar fielmente o potencial social e político das comunidades, diferentemente da visão “deturpada e classista” das mídias convencionais.

Um questionamento que colocamos a respeito do projeto TV Janela é se, ao tentar atingir seus objetivos (melhorar a auto-estima de seus espectadores), suas produções não enfatizam e impõem um perfil de morador ativo, trabalhador, organizado e, por isso, vitorioso e feliz.

Considerando-se que, de fato, é essa a imagem apresentada pelo projeto acerca dos moradores, os interlocutores reconhecem a si e à sua comunidade ao assistirem à TV Janela? É possível construir um novo imaginário sobre a comunidade mesmo diante da força ideológica dos meios convencionais de comunicação, que ressaltam os estigmas de criminoso e miserável a todo instante e de modo muito sorrateiro, que sequer nos faz, de modo geral, reconhecer posturas ideológicas nos produtos de comunicação?

2. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Este artigo tem por base os resultados alcançados através de dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2010. A pesquisa revelou perfis bem distintos de “morador do Pantanal”: os moradores mais ligados à história da ocupação do espaço (ocorrida em 1990), das lutas e reivindicações a favor do grupo; aqueles mais jovens, que ouviram falar desse passado através dos pais, familiares, vizinhos; outros que



participaram da ocupação do espaço, mas que veem essa etapa como concluída e, por isso, querem associar o bairro, agora, a algo moderno, desenvolvido; e aqueles que possuem poucos vínculos com o espaço, principalmente por terem chegado muito tempo após a ocupação e os primeiros entraves com o poder público e com os antigos donos das terras.

No processo de apropriação das representações sociais por parte das audiências, além das mídias convencionais e dos vídeos da TV Janela, outras mediações e outros elementos cotidianos vão contribuir para a construção das identidades culturais desses moradores. Que mediações são essas? Com que força as relações de poder que perpassam as mediações culturais contribuem para que esse grupo construa narrativas sobre a comunidade? As vivências situadas em outros espaços da cidade (para além do bairro) interferem claramente no processo de construção narrativa sobre o bairro? A pesquisa de recepção tentará responder a esses questionamentos através de entrevistas em profundidade com três moradores selecionados.

3. METODOLOGIA

Como o interesse aqui é de interpretar a fala dos moradores inseridos dentro de um contexto cultural, consideramos dois aspectos durante a escolha dos entrevistados: a relação histórica e cotidiana deles com a comunidade; e a relação cotidiana deles com a cidade. A cidade entra na pesquisa como forma de acessar informações sobre “o outro” (de outros bairros) e como forma de estabelecer comparações consigo.

Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com moradores dos grupos que seguem: 1) moradores ligados à formação da comunidade (às lutas pela permanência no espaço ocupado) e que optam pelo nome original, Pantanal; 2) moradores mais recentes, que não estiveram ligados à formação da comunidade e que preferem a nova nomenclatura, Planalto Ayrton Senna; 3) e moradores jovens, sem o contato direto com a formação do bairro, mas que vivem o presente e acessam o passado através das memórias dos mais antigos.

Além das entrevistas em profundidade com os três receptores, em 2008 e 2009, período de realização desta pesquisa, foram acompanhadas quatro das oito exposições realizadas pelo IDS, duas em cada ano. Durante esses dois anos, foram utilizados dois principais procedimentos metodológicos: 1) entrevistas em profundidade com líderes comunitários e com integrantes do IDS; 2) e observação etnográfica simples (não participante) da comunidade em dias normais (dias úteis e finais de semana) e em dias



de exibição da TV Janela, descrevendo e analisando os sujeitos e ambientes. Além desses dois procedimentos mais formais e esquematizados, as conversas informais com moradores foram fundamentais para compreender alguns elementos que só são identificáveis através das práticas e discursos mais espontâneos.

4. IDENTIFICAÇÕES CULTURAIS E MEDIAÇÕES COMUNITÁRIAS

Hoje, o território do bairro é reconhecido como sendo o espaço onde as principais trocas sociais acontecem e transformam as relações cotidianas, dando dinamicidade à cultura das cidades. Martin-Barbero (2006) aponta alguns dos potenciais transformadores da vida social, presentes no espaço do bairro. Barbero (2006: 276) critica a concepção que percebe o bairro “como ‘dormitório’ ou universo do familiar e do doméstico, como simples espaço da *reprodução* da força de trabalho”.

O bairro surge, então, como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, um espaço que se estrutura com base em certos tipos específicos de sociabilidade e, em última análise, de *comunicação*: entre *parentes* e entre *vizinhos*. O bairro proporciona às pessoas algumas referências básicas para a construção de um *a gente*, ou seja, de uma “sociabilidade mais ampla do que aquela que se baseia nos laços familiares, e ao mesmo tempo mais densa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”⁴ (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 276-277).

Devido às instabilidades do mercado de trabalho, o bairro se configura como o espaço em que as identidades culturais são constituídas com mais força, dentre as classes mais subalternas das cidades. E se é nesse espaço que a cultura se transforma mais intensamente e as identidades são construídas com mais potência, o reconhecimento da influência das mediações comunitárias para as construções identitárias torna-se fundamental para este trabalho.

Claro que essas mediações e os sujeitos que ocupam o espaço do bairro sofrem influências de outras mediações culturais mais fortes e, inclusive, mais potencialmente transformadoras, como é o caso das mídias convencionais. Nas relações comunitárias estabelecidas nas periferias das grandes metrópoles, um dos agentes mais engajados politicamente e, por isso, mais potencialmente transformadores da vida cotidiana é a figura do líder comunitário.

⁴ Aspas de J.G. Cantor Magnani, *in* Festa no pedaço – Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 138.

No Pantanal, não é diferente. Embora o grupo comunitário tenha unido forças, minimamente, para conquistar políticas públicas para o espaço e para se manterem no local ocupado, a comunidade desde cedo apresentou conflitos entre os vários líderes comunitários e entre suas associações.

No discurso sobre as histórias do bairro e acerca do que hoje ele seria, percebe-se, entre os moradores, uma referência constante às lideranças comunitárias, o que nos faz pensar que elas mediam, positiva ou negativamente, as relações que os moradores estabelecem com essa memória acerca do bairro. Como se fossem detentoras de um conhecimento só possível de ser acessado caso elas permitissem.

Percebendo o papel fundamental estabelecido pelos líderes dentro da comunidade, alguns atores sociais se identificam como tal e tentam angariar adeptos na sua empreitada. No entanto, devido às disputas políticas e pessoais, a figura do líder torna-se uma pessoa não só estimada, mas também odiada, o que faz dele um alvo de críticas, de divergências, as mais variadas possíveis.

Mediações culturais como igrejas, movimentos sociais e família vão exercer uma forte influência – ou até coação – sobre seus membros, emitindo-lhes sentidos e impondo-lhes obrigações que são incorporadas, espontaneamente ou não, às suas atividades cotidianas. As experiências vividas por cada sujeito, no entanto, vão interferir nas representações construídas por cada um deles. “As representações não apenas variam dentro das diferentes épocas e culturas, mas também espelham vivências específicas dentro de determinadas sociedade” (FRANÇA, 2004, p.16)⁵.

Ao imaginário sobre a comunidade do Pantanal, foram atribuídos, historicamente, os estigmas de “violência” e “miséria”, desde que os programas policiais das televisões locais divulgaram a Chacina do Pantanal: o assassinato brutal de três adolescentes da comunidade por policiais, em 1993. No entanto, o incidente significou para a história da comunidade apenas um ponto de partida. Desde então, as relações dos moradores com a cidade foram prejudicadas.

A ideia central seria a de que o processo de representar socialmente um sujeito depende não exclusivamente dele próprio, do que ele pensa, fala e projeta de si, mas também daquilo que as demais pessoas projetam socialmente sobre ela em si, como indivíduo, e sobre seu lugar de falar, o contexto em que ela se insere.

⁵ FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas *in* Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

Goffman (1975) analisa, em sua obra, as “representações teatrais” que os sujeitos apresentam sobre si e suas funções sociais para os sujeitos que o rodeiam na vida cotidiana. Partindo de princípios da dramaturgia, o autor considera que, no ato de representar, o “ator” se traveste de um personagem, encena “coisas”, “reais” ou “ensaiadas”, e essas “coisas” se destinam tanto para os demais personagens, como para a plateia.

Para que as representações apresentadas por uma pessoa sobre si e seu contexto tenham valor para seu público, ela precisa ter alguma influência sobre ele. Se o sujeito não possui o reconhecimento das pessoas que lhe cercam, suas representações também não terão (GOFFMAN, 1975). Na relação com o outro (alteridade), com o diferente, é possível sentir-se marginalizado; sentir que os espaços públicos não o pertencem de fato. Porque na construção de sua identidade – que também é imposta – uns setores das classes subalternas, muitas vezes, colocam-se “no seu devido lugar”, enquanto outros “batem o pé” e exigem outras identidades, ora diferentes das negativas impostas, ora distintas das atribuídas às classes dominantes, ora bem semelhantes/adequadas a essas.

O estabelecimento de diferenças e identificações constituem processos linguísticos inseparáveis, considera Silva (2007: 75). “As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade”.

Partindo da conceituação e exemplificação do autor, consideramos o seguinte: quando se diz “sou morador do Pantanal”, está se dizendo, na verdade, “não moro na Parangaba”, “não moro na Parquelândia”, “não moro no Meireles”, todos bairros de Fortaleza. Só é possível se sentir morador de um bairro devido ao conhecimento que se tem da existência de vários outros. A diferenciação e identificação estão, portanto, imbricados.

As finalidades desse processo podem ser de incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”), demarcar fronteiras (“nós” e “eles”), classificar (“bons e maus”, “ricos e pobres”) e normalizar (“nós somos normais, eles são anormais”). É importante enfatizarmos aqui a ideia de classificação, como uma marca fundamental do objeto deste trabalho. Silva (2007, P. 82) considera que o processo de classificação pode ser entendido como “um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes”.

Na análise desse processo, é preciso considerar as relações de forças que o perpassam, afinal, “dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar”. E, em uma sociedade tão hierarquizada, nem todos os sujeitos detêm o “privilégio de classificar”. Silva (2007, 81) afirma que “a identidade e a diferença estão [...] em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”.

Em sua obra, Hall (2003) reforça a tendência teórico-conceitual atual, que ensaia, ainda que timidamente, a substituição das “identidades” pelas “identificações”. A primeira denominação indica as análises referentes às práticas discursivas. Já a segunda, estaria associada aos processos de subjetivação e a uma política de exclusão. De acordo com o autor, a abordagem discursiva considera “identificação” como um processo sempre incompleto, algo eternamente em construção.

Zygmunt Bauman (2005) traça o conceito de identidade cultural a partir de sua própria experiência diaspórica. Afastado da Universidade de Varsóvia, em 1968, saiu da Polônia, seu país de origem, e se estabeleceu na Inglaterra, onde, em 1971, tornou-se professor da Universidade de Leeds. Seu deslocamento espacial lhe permitiu entrar em contato com outras comunidades, com às quais ora se identificava, ora não.

A ideia de comunidade está intrinsecamente associada ao conceito de identidade cultural, já que o sentimento de pertencimento a um grupo vai depender, dentre outras variantes, de uma identificação que o sujeito estabelece com os demais. As comunidades, segundo Bauman, seriam de dois tipos: territoriais ou fundidas por ideias. Naquele momento, Bauman não poderia se identificar com os ingleses a partir do primeiro tipo de comunidade. Já através do segundo, sim.

A identificação é, ainda, uma forma de estratificar grupos, segundo Bauman. O autor aponta dois grupos bem distintos quanto ao poder cultural que exercem na sociedade. O primeiro constituiria e desarticulária suas identidades mais ou menos a seu modo. O segundo seria composto pelos sujeitos que tiveram negado o direito de compor sua própria identidade e passaram a ser oprimidos por uma identidade estereotipada. “Identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” (BAUMAN, 2005, p. 44).

5. OS RECEPTORES DA TV JANELA

Analisaremos, por fim, os discursos coletados através de entrevistas em profundidade com três moradores e suas respectivas famílias, de diferentes perfis. Houve a preocupação em descrever o cotidiano, os consumos midiáticos e analisar os discursos de cada um dos receptores apresentados. O objetivo é verificar se os moradores do Pantanal se reconhecem nas representações sociais apresentadas pelos vídeos da TV Janela.

De modo mais específico, tentarei definir as principais representações sociais presentes no discurso dos moradores acerca da própria comunidade; identificar quais, como e por que as mediações culturais implicam nessas representações sobre a comunidade e nas consequentes construções identitárias sobre si; e verificar a possibilidade de construção de um novo imaginário popular sobre a comunidade, mesmo diante da força ideológica das mídias convencionais / hegemônicas.

Todos os receptores selecionados foram solícitos ao meu pedido de entrevista. Alguns disseram ter estranhado a demora do segundo contato, que, em alguns casos, ocorreu uma semana após a exibição. O tempo decorrido entre um momento e outro, entretanto, proporcionou alguns aspectos positivos, como a percepção de que, em médio prazo, as informações e opiniões são apropriadas de modo a estabelecer um todo coeso de juízos sobre o bairro. De modo geral, apenas alguns quadros específicos são Outro aspecto importante que identificamos d“arquivados” em sua singularidade pelos receptores, como aqueles em que aparecem cenários ou moradores conhecidos por eles. Outra dificuldade que encontrei foi com relação a encontrar moradores mais recentes assistindo às exibições. Esse forneceu uma pista de pesquisa: a maioria dos moradores que se sentem estimulados a assistir aos vídeos e às apresentações artísticas são os mais antigos ali e aqueles que já possuem uma afinidade prévia com a proposta do IDS e com as consequentes representações de morador do Pantanal apresentadas pela TV Janela. Infelizmente, essa afirmação se manteve, mesmo ao fim desta pesquisa, apenas como uma pista de pesquisa, impossível de ser respondida devido aos procedimentos não quantitativos e limitados utilizados aqui.

Outro aspecto importante que percebi durante as entrevistas em profundidade, mas que também ficará como uma pista de pesquisa – por não ter sido o foco das perguntas feitas aos receptores – é o fato de as audiências não lembrarem, com precisão, do conteúdo dos quadros da TV Janela. Eles não lembram que perfil de pessoas

participaram do quadro, do que elas falavam exatamente, que história específica contavam.

De modo geral, os receptores não conseguiram lembrar, sequer, de que rua havia sido falada no quadro “História da Rua [tal]”, quadro presente em todas as exposições, em que alguns moradores contam a história e o surgimento do nome de uma rua específica. Os receptores lembraram, sim, da ideia geral do quadro: “[O documentário] falou como foi botado o nome da rua”. Já sobre elementos narrativos específicos, não falam de quase nada e, em alguns momentos, limitam os sujeitos e espaços comunitários a adjetivos. “Você lembra do nome da rua?”. “Não”. “Lembra de quem falou?”. “Não”. “Lembra o que exatamente ele falou?”. “Ele falava... Falou dos problemas da rua, dos buracos...”.

A porta-voz do bairro

A primeira entrevistada, Regina⁶, de 41 anos de idade, comporta-se, durante as conversas, como porta-voz do bairro, falando sobre aspectos negativos da comunidade apenas quando questionada sobre eles e, mesmo assim, minimizando-os. “Pelos contatos que eu tenho com os moradores daqui, eu acho que eles pensariam do mesmo jeito que eu tô pensando: não iriam falar [mal] do bairro, porque muitas coisas mudaram, eles estão vendo que muitas coisas boas aconteceram e tão acontecendo”, avalia.

Ela faz alusões, a todo instante, à ascensão do “Planalto” – como denomina intimamente o local – de modo a falar da sua própria emergência socioeconômica. Nascida no interior da Paraíba, em condições econômicas adversas, mudou-se para Fortaleza com a família e cresceu financeiramente através de seu trabalho. Desse modo, a ascensão do bairro é sempre decorrência, em sua fala, do trabalho árduo individual, estando omitido de seu discurso o trabalho coletivo de fixação da comunidade no espaço, no início da ocupação, momento histórico que não viveu. Apesar de ter tido acesso a essas informações sobre a formação do bairro, através de seus amigos mais próximos (que vivenciaram a ocupação), o fato de não ter vivido esse período faz com que ela não o enfatize.

Quando perguntada sobre as qualidades do bairro, ela cita as melhorias, o quanto o local se desenvolveu desde sua chegada. Mesmo quando algo ainda apresenta deficiências, como os equipamentos públicos, eles são melhores do que os de muitos

⁶O nome de todos os entrevistados é fictício, como forma de lhes preservar a identidade.

outros bairros que ela já conheceu. Ela cita a estrutura das casas, os comércios, os serviços públicos, que, se ainda deficientes, são, ao menos, bem melhores do que outrora.

Regina só falou de “pontos negativos” quando questionada sobre eles. “Quando eu cheguei aqui, tinha muita briga de gangue. Briga de gangue tinha muita mesmo, morria gente direto”. Mesmo quando citava os problemas, entretanto, apontava-os como solucionados ou já amenizados pelo desenvolvimento econômico do local. “A gente conversa com você, no caso. Você me pergunta, eu ia falar mal do bairro? Não vou. Por quê? Porque eu vejo que ele não tá merecendo ser falado mal. As coisas tão sendo muito boas aqui”, defende.

Apesar de demonstrar forte vínculos com os moradores mais antigos e com as lutas travadas em favor do bairro, Regina não demonstra concordar com a ideia de que a nomenclatura “Pantanal” representa a história do bairro e que mudar o nome seria “perder a identidade da comunidade”, como afirmavam as lideranças comunitárias ligadas ao Movimento Viva Pantanal.

Em resumo, podemos perceber que a percepção de Regina acerca dos vídeos está diretamente ligada à sua história de ascensão socioeconômica, de empregada de uma fábrica de costura a costureira e microempresária, já que vende as roupas que produz na sua própria barraca, na Feira do Pantanal. A ascensão do bairro, de Pantanal a Planalto Ayrton Senna, é associada por ela a um desenvolvimento das próprias pessoas. “Tem muita gente hoje por aqui com suas lojinhas, seu comércio. O bairro cresceu muito”.

Desse modo, a história de formação do bairro, embora muito respeitada por ela, é algo bom de ser lembrado, debatido com os amigos mais antigos ali, mas não associada ao nome original da comunidade. O elemento histórico que se associa à nomenclatura antiga não são as lutas e a união dos moradores, e sim, os aspectos geográficos, a “coisa pantanosa”, as casas de taipa, a falta de perspectivas financeiras.

Consciência acerca do lugar de fala

O casal que apresento a seguir traz, em seus discursos, uma jornada árdua de trabalho em fábrica e em casa, o que contribui para que, mesmo eles estando ligados ao “passado de lutas”, eles omitam ou pouco enfatizem as histórias de solidariedade e de mobilização popular, sempre associadas à formação da comunidade pelos moradores mais antigos.

Eles têm consciência de que não integram o grupo de moradores originários da comunidade, apesar de terem chegado em 1994, apenas quatro anos após a ocupação. A esse primeiro momento, eles associam a expressão “luta”. Ao mesmo tempo, questionam o seu potencial como entrevistada da TV Janela.

Alzira é uma das minhas poucas entrevistadas que falam sobre a violência sem ser estimulada. Entretanto, ela apenas cita, sem fazer nenhum juízo de valor sobre o tema. Pergunto o que a TV Janela fala sobre o bairro. “Fala das mudanças, né?...”, define Alzira. Pensa um pouco e continua: “Acho que não fala de violência, não... Fala incentivando os jovens, a cultura, mostrando a cultura brasileira, cearense”. “Você acha que deveria falar da violência?”. “Não, acho que não, porque... Isso já tem nos programas policiais”.

Os dois demonstram dar muita importância para as notícias de violência e morte no bairro, divulgadas pelos programas policiais televisivos. Eles citam várias matérias às quais assistiram na televisão e dão detalhes de como os fatos foram abordados, bem diferente quando o assunto são os temas abordados pela TV Janela, cujos conteúdos não são lembrados, não são enfatizados ou, simplesmente, considerados menos importantes e, por isso, omitidos de seus discursos. “O pessoal fala o que precisa melhorar nas ruas, é mais isso mesmo”. Estimulo algum tipo de informação histórica sobre o bairro, mas as respostas são sempre muito curtas e vagas. “É, fala de como surgiu o bairro”.

A memória dos mais velhos interferindo na percepção dos mais novos

A nossa primeira entrevistada adolescente é Fabiana, de 14 anos de idade. Magra, morena, bonita, de cabelos pretos e lisos, ela me recebeu em casa por duas vezes, sempre na presença discreta da mãe. Ainda por telefone, tive que explicar o propósito da entrevista, que, na verdade, seria feita com a irmã de Fabiana, de 18 anos de idade, que não pôde me atender por conta do trabalho. Muito tranquila, sem afetações, Fabiana me recebeu com uma simpatia polida. Ela cursa o oitavo ano do Ensino Fundamental, no CIES, a um quarteirão de casa, e mora com a mãe mais seis irmãs, sendo o irmão mais velho, que mora próximo, o único casado. Uma casa apenas de mulheres, é importante enfatizar.

Fabiana tem na fala sobre a história do bairro um constante “a minha mãe me disse que...”, estando sua mãe o tempo todo presente tanto física, quanto simbolicamente. “O que a minha mãe me disse é que aqui não tinha casa, era só mato. Aí umas pessoas vieram, construíram casas pra morar. O que me lembro é só isso”. Seu

discurso está fortemente marcado pelas vivências da mãe no local e pelas opiniões da matriarca sobre o espaço.

Além da mãe, Fabiana diz também ter ouvido falar da história que não viveu através do “vizinho do lado”, um senhor de cerca de 60 anos de idade. “Ele falou que, quando ele chegou aqui, o bairro não tinha casas, assim, era mato, falou que era um bocado de gente pra construir as casas, limpar as matas pra poder construir”, repete mais do mesmo. Quem dá um pouco mais de informação detalhada é a mãe, que viveu tudo aquilo com certa dose de sofrimento.

A mulher mais velha chama a comunidade de “Pantanal”, apesar de não rejeitar a nomenclatura Planalto Ayrton Senna. A filha diz que chama de Planalto Ayrton Senna “só porque é o novo nome mesmo”, mas que prefere Pantanal. A mãe interfere, ainda com olhar perdido e voltado para a rua: “Eu prefiro Pantanal!”. “Já era o nome dele, não sei por que mudou”, continua a filha, que confessa que, “de vez em quando”, chama de Planalto Ayrton Senna. “Eu é que é difícil. Onde eu estiver, eu chamo de Pantanal [...] porque eu não gosto desse [novo] nome, não sei dizer por quê”, repudia a mulher.

Proponho uma dinâmica para Fabiana: descrever o bairro para alguém que não mora ali. Faço de conta que não conheço o local, que nunca fui até lá, e pergunto: “Fabiana, onde você mora?”. “Eu moro no Planalto Ayrton Senna”. “Onde fica?”. “Fica perto do José Walter. Você vai pro terminal da Parangaba e pega o ônibus Planalto Ayrton Senna. Aí vai passar pelo José Walter e chegar no Pan.. No Planalto Ayrton Senna”. “Você ia falar Pan...”. “É, ia falar Pantanal”. “E o que é Pantanal?”. “É o bairro que era antes, que agora é Planalto Ayrton Senna”. “Por que mudou?” “Não sei”. “E como é lá?” “Lá é legal. Como era antes, não tinha muita gente, porque era começo do Pantanal, era mato, aí o povo tava construindo casa pra poder morar. Agora tem um bocado de gente nova nas ruas, voltando, se mudando, tá sendo legal”. “E você gosta de morar lá?”. “Gosto”. “Por quê?”. “Porque eu nasci lá, fui criada lá desde pequena, tenho amizades boas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os entrevistados, percebi ao menos, dois perfis diferentes de morador que, de algum modo, interferem na percepção deles sobre os vídeos: o morador ligado às origens da comunidade, ao seu processo de estruturação do local; o morador chegado ao bairro depois da Chacina do Pantanal, quando o bairro ocupou o imaginário da cidade como “bairro miserável e violento” e quando as primeiras dificuldades e a

consequente união estratégica já havia findado. Dentro deste segundo grupo, ainda seria possível distinguir dois sub-perfis: o morador que não viveu essas dificuldades iniciais da comunidade, mas que ouviram falar delas por terem amizade e conviverem com os moradores mais antigos; e o morador mais recente que não tem, entre seus vínculos de vizinhança e amizade, pessoas ligadas a esse período histórico.

A análise que faço é que, dentre as várias representações de “morador do Pantanal” apresentadas pela TV Janela – unido, de luta, trabalhador e, por isso, vitorioso e feliz –, algumas foram omitidas ou enfatizadas nos discursos dos receptores tendo por base, principalmente, o período em que eles chegaram ao bairro. Ao invés de discordarem ou concordarem com as representações propostas pelos vídeos, os moradores mais antigos enfatizam o fato de as fontes de informação da TV Janela contarem a história do bairro, possível devido à união, à mobilização social. Os moradores mais recentes também não discordam ou concordam com as representações de morador apresentadas pelos vídeos, restringindo-se a omitir as ideias de união e luta, já que elas não chegam a compor a sua própria construção identitária. Entretanto, os moradores mais bem-sucedidos enfatizam o aspecto do trabalho árduo.

Obviamente, por si só, o fato de o receptor haver chegado ao bairro no início da ocupação, logo depois dela ou muito tempo depois não define a percepção que eles têm acerca da comunidade e, conseqüentemente, da apropriação que farão das ideias contidas nos vídeos da TV Janela. Outros aspectos como a história de vida, a relação com outros espaços da cidade e a vivência cotidiana dentro da própria comunidade contribuem para a formação do olhar acerca dos espaços e dos sujeitos que compõem o Pantanal ou o Planalto Ayrton Senna.

Podemos constatar a fragilidade dessa memória audiovisual através do fato de todos os moradores não lembrarem especificamente de nenhum relato, de nenhuma história de vida apresentada pela TV Janela. Eles lembram, sim, da ideia geral das entrevistas, do tema de um documentário, mas não do passo a passo de um fato histórico, contado por algum entrevistado da TV Janela. Quando lembram, é porque conhecem o entrevistado e, portanto, a memória sobre o histórico de vida tem por base não somente a narrativa trazida pelo vídeo, mas a comunicação oral estabelecida no cotidiano da comunidade, as informações que colheu ao longo de sua vivência ali.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano. Volume 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FRANÇA, Vera (org.). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GEERTZ, C. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HALL, S. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JACKS, N. (coord.). **Meios e audiências – A emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os exercícios do ver – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PAIVA, R. **O Espírito Comum - Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.